

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Comunicação

Uma análise sobre o espaço dedicado ao Jornalismo
Cultural nos jornais impressos da cidade de Natal.

Fábio Farias Figueiroa
Maria Cecília Oliveira

2008

Fábio Farias Figueiroa
Maria Cecília Oliveira

Uma análise sobre o espaço dedicado ao Jornalismo
Cultural nos jornais impressos da cidade de Natal.

Trabalho apresentado ao Curso de
Comunicação Social da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte com
habilitação em jornalismo como
avaliação final da disciplina de
comunicação comparada.

Orientador: Prof. Ruy Rocha

2008

Uma análise sobre o espaço dedicado ao Jornalismo Cultural nos jornais impressos da cidade de Natal.

Fábio Farias
Cecília Oliveira

Resumo

O mapeamento do espaço em que o jornalismo cultural ocupa nas redações dos jornais impressos natalenses, como os jornais se agendam na escolha das pautas e dos assuntos a serem tratados e por fim qual a qualidade das matérias no âmbito textual e do conteúdo escolhido.

Análise sobre o espaço dedicado ao Jornalismo Cultural nos jornais impressos da cidade de Natal.

Daniel Pizza em seu livro “Jornalismo Cultural” classifica a editoria como em crise de identidade. Crise porque, outrora considerado um dos cadernos mais importantes e influentes dos grandes jornais brasileiros, hoje ele parece viver a margem das outras editorias, sendo sempre relegado ao último lugar. Essa tendência nacional ocorre desde a década de 90 quando o jornalismo cultural deixou de ter um caráter ensaístico e crítico e passou a adotar um modelo mais objetivo.

“O caderno [*Ilustrada da Folha*] teve essa variedade, quando o peso relativo da opinião diminuiu sensivelmente, e a agenda passiva começou a se tornar dominante. (...) Outra característica dos anos 90

é a presença cada vez maior de assunto que não fazem parte da chamada ‘sete artes’ (literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema)” (PIZZA, Daniel 2003 p. 41)

Esse modelo mais objetivo de tratar a informação cultural é vista de forma negativa pelo autor. Para Daniel as editorias de cultura têm que sofrer um “tratamento diferenciado” (PIZZA, Daniel, 2003 p. 8) porque o peso da interpretação e da opinião nessa editoria são mais relevantes. A tendência de igualar o jornalismo cultural as outras editorias, para Pizza, é um dos fatores que conferem para que hoje esse tipo de jornalismo seja relegado a um plano secundário, mesmo ainda sendo lido e apreciado pelo leitor.

Nesse sentido o objetivo do trabalho é analisar os cadernos de cultura da cidade, mapeados durante a última quinzena de maio. Por dificuldades técnicas, só foram analisados os cadernos de cultura “Muito” do jornal “Diário de Natal”, e o caderno “Viver” do jornal Tribuna do Norte. Fatores como a presença de anúncio publicitário nas páginas e as colunas sociais também foram anotados para a análise do conteúdo, bem como o conteúdo crítico dos jornais.

Antes de iniciar a análise em si, é importante considerar as características peculiares do jornalismo potiguar. A primeira delas é que na segunda-feira não sai jornal. As empresas de jornalismo impresso na cidade não funcionam no domingo. Outra característica é que o jornal de domingo é mais um semanário frio do que um jornal de notícias quentes. Isso prejudica muito o jornalismo cultural, já que as atividades culturais costumam ocorrer nos finais de semana. Fora isso, existe em Natal a mania do colunismo social. O caderno “Muito”, por exemplo, reserva 50% do seu espaço para colunas sociais, todas recheadas com fotos. Outra questão a se considerar é o número de matérias: em geral quatro, com uma principal com foto e assinada e as outras três menores, quase sempre sem fotos e nunca assinadas. Os cadernos são completados com anúncios publicitários, em geral grandes e coloridos. A estruturação geral dos cadernos “Viver” e “Muito” são bem parecidas.

No quesito linguagem, o jornalismo cultural praticado pelos dois cadernos seguem o que foi dito por Daniel Pizza. Ambos procuram um texto muito mais noticioso e informativo do que opinativo e interpretativo. Há, é claro, um lead mais bem trabalhado e textos mais bem escritos, se compararmos com os textos das outras editorias. No entanto esse texto mais bem trabalhado aparece apenas na matéria

principal, as secundárias seguem a qualidade média geral do texto jornalístico dos dois jornais. No dia 24 de maio deste ano, por exemplo, a matéria principal do caderno “Viver” começava assim: *“Em cada esquina, um poeta. Em cada lugar um livro. Para o escritor e cineasta pernambucano Fernando Monteiro, essas características bem-vindas em Natal não podem ficar só na impressão.”* (Tribuna do Norte, Caderno Viver 24/05/08) enquanto uma das secundárias, presentes no mesmo caderno, adotava um estilo completamente diferente. *“A Secretaria Estadual de Educação abre inscrições para a fase estadual do I Prêmio Nacional Talento Literário/Poesia em Superdotação”* (Idem). Nota-se que há uma clara diferença na escolha das palavras e do estilo do texto a ser seguido pelos autores da elaboração das matérias. O mais intrigante é que no “Muito” do Diário de Natal, essa variação textual é a mesma.

Outro ponto a se destacar no tocante a linguagem jornalística é a ausência de fontes declaradas nos textos e de entrevistas. No caderno “Muito”, por exemplo, 80% das matérias não citavam as fontes e em 88% das matérias não há uma entrevista sequer com um artista ou com algum responsável pelo evento aos quais essas matérias se refletem. O caderno “Viver” da Tribuna do Norte é um pouco diferente, a matéria principal e, algumas vezes, uma secundária costumam vir com entrevistas e com fontes. Esses dados comprovam que o jornalismo cultural natalense é amplamente pautado pelas assessorias de imprensa o que é extremamente danoso para a qualidade da informação contida e, por conseguinte, para a qualidade do caderno.

Sobre a questão do conteúdo, percebe-se claramente o agendamento das matérias. Elas todas parecem seguir a regra de divulgar o evento, ao invés de cobri-lo. A matéria do sábado dia 24 de maio, do caderno Viver da Tribuna do Norte, com o título *“Hoje saem os últimos finalistas do festival MPBeco”* o texto não se preocupa em falar para o leitor como foi a última edição do festival, ocorrida no sábado anterior, nem como funciona o festival, nem sequer quem são os artistas e muito menos vem com uma visão crítica. O jornalista fez apenas um pequeno recorte do festival e colocou na matérias. Aliás, é interessante frisar o quanto o mês de maio foi pautado pelo festival. 90% de todas as matérias sobre música, veiculadas nos dois cadernos, durante o período pesquisado trataram do MPBeco. Mas nenhum tentou encarar o festival de maneira crítica, nenhuma pensou em cobrir de fato o festival, criticar os artistas. Todas as matérias tinham como característica principal a divulgação dos eventos. A matéria do dia 15 de maio do caderno “Muito” do jornal Diário de Natal se limitou a trazer

informações referentes apenas ao palco da 4ª edição do festival MPBeco, ao invés de trazer também dados referentes à expectativa de público, e a expectativa dos vencedores e também não nos é informado quem são aqueles que estão concorrendo em cada categoria, e não se entrevistou nenhum deles para incrementar a matéria, e também não se fala sobre o procedimento de escolha do vencedor, apenas são apresentados os últimos vencedores em cada categoria em um quadro informativo. Além disso, dentre as pautas, observa-se a forte influência da indústria cultural.

“(…) basta percorrer séries históricas das publicações do gênero para se perceber que uma parte significativa de suas pautas guarda uma relação muito estreita com os critérios de celebração fetichizada que a indústria cultural agrega as coberturas jornalísticas. No caso do jornalismo cultural essa relação é potencializada pela vinculação quase imediata entre os seus ícones (no cinema, no teatro e na literatura), e o sentido espetacular que eles adquirem em todo o complexo midiático.” (FARO, J. S. 2006, p. 4)

A relação fetichizada é algo muito forte no jornalismo daqui e facilmente observável pelas matérias e pela escolha das pautas. No dia 21 de maio, todos os jornais publicaram matérias que se referiram ao show de Vanessa da Mata que iria ocorrer no outro dia. O teor das matérias e a forma com que são tratadas revelam uma espécie de espetacularização do fato e mitificação da personagem. Não foi levado em conta, por exemplo, que o local do show da artista era em um Hotel em um lugar nobre da cidade e nem que o preço do ingresso estava mais alto do que o praticado em Natal habitualmente. Não foi levada em consideração a quantidade de pessoas que gostariam de ver a artista e não puderam por causa destas condições. Nesse sentido observa-se que há uma espécie de elitismo econômico em algumas pautas tratadas pelos jornais. Outro ponto que é recorrente são as matérias repetitivas. Apesar da pesquisa não incluir os outros meses, a experiência empírica mostra que em toda terça-feira que há o “Projeto Seis e Meia”, este é tratado como matéria principal do jornal de terça-feira com um texto divulgando os artistas que irão tocar no evento. Não vemos, no entanto, nenhuma visão crítica dos artistas e do evento. É como se ele fosse sempre bom e que não haja nenhum problema com os artistas que tocam no projeto. O preço e localização dele não é sequer debatido. Aliás, a cultura natalense não entra em debate no jornalismo cultural da cidade, ela não é problematizada, os anseios dos artistas e do público não são ouvidos. O jornalismo cultural da cidade cumpre apenas uma única função: a de divulgador de eventos e artistas, sejam eles bons, ruins, importantes ou não para a cidade ou não.

O jornalismo cultural natalense parece ser incapaz de emitir juízo de valor sobre determinado produto cultural. No único momento em que tivemos um esboço de crítica, foi no caderno “Viver” da Tribuna do Norte de terça-feira, dia 27 de maio. O jornal organizou uma sessão de cinema do filme “Indiana Jones, o Reino da Caveira da Cristal” apenas para assinantes no domingo anterior. É a primeira vez que encontramos uma resenha crítica de um filme. Nela nota-se pelas palavras utilizadas como “ clichê” ou “estripulia” que o autor usa que ele não gostou muito do filme, mas pela construção do texto percebe-se que ele tinha que falar bem dele, por causa dos assinantes e da pressão econômica exercida sobre o jornalista. Fora este exemplo, não há, em nenhum momento, durante o período pesquisado, críticas no jornalismo cultural feito pelos grandes jornais natalenses.

A partir do que foi pesquisado e estudado, pode-se concluir que a crise do jornalismo cultural afeta Natal de uma forma muito maior do que a vista no plano nacional. Os motivos são variados, como a falta de espaço dos jornais da cidade, a falta de estrutura deles e de condições para que os jornalistas locais possam fazer algo diferente, as pressões da indústria cultural da cidade, a falta de visão dos editores também prejudica a qualidade das informações e dos cadernos de cultura, as pressões que as assessorias de imprensa fazem nos grandes jornais, o pensamento retrógrado de que ninguém gosta de ler cultura e de que o caderno tem que ser um espaço de jornalismo diversional, não de jornalismo de fato, a falta de vontade dos donos de jornal em formar melhor o seu público leitor e, sobretudo, a visão deles de que este tipo de jornalismo não é rentável. Pena que eles desconsiderem o fato comprovado defendido pelo jornalista pesquisador Mathias Molina, autor do livro “Os Melhores Jornais do Mundo”, de que todo grande jornal começa com um bom caderno de cultura.

Referências

BARRETO, Ivana .**As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. Revista Contemporânea número 7. Rio de Janeiro, 2006.

FARO, J. S. **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural**. Disponível em http://jsfaro.pro.br/downloads/jornalismo%20cultural_sbpjor_2006.pdf Acessado em 20/04/2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. Editora Contexto, São Paulo, 2003.